

JORNAL AGORA

Divinópolis, terça-feira, 1º de julho de 2003 -

Mauro Corgozinho

Palestra no A.P.I.

Os participantes do grupo do A.P.I. (Apoio a Perdas Irreparáveis) decidiram convidar a psicóloga e escritora Gláucia Rezende Tavares para falar sobre morte e como aprender a conviver com a ausência de entes queridos.

Em atenção ao nosso convite, Gláucia veio a Divinópolis para fazer uma das suas aplaudidas palestras, às pessoas de nossa cidade que sofrem a dor da separação pela morte de familiares amados!

Acompanhada de seu marido, o médico pediatra dr. Eduardo Tavares, a palestrante, que também carrega pesada cruz de morte sobre seus ombros, falou, com sabedoria, clareza e sem lamentações inúteis, às pessoas que sofrem com perdas irreparáveis e precisam continuar a difícil e necessária jornada terrena!

Gláucia experimentou do cálice de amargura desta vida ao perder sua filha

Camile; moça bonita, jovial, saudável, inteligente, preparada para enfrentar e vencer os obstáculos da vida - a exemplo de Ayrton Senna, também jovem, pleno de saúde e futuro promissor, encontrou a morte disfarçada na curva Tamburello, em Imola, na Itália -, Camile também encontrou a morte, disfarçada num carro, que encerrou sua existência terrena!

A mãe de Camile, a psicóloga e escritora Gláucia, respirou fundo, cimentou a memória de filha no coração e no espírito, fez o rescaldo do que lhe sobrou e viu que Deus foi bom; não a havia deixado completamente só; ficou, para complementar o sentido de seu viver, o marido-companheiro e outra filha, perfeita, a Ivana.

Viu que isto era bom, agradeceu ao Mestre e decidiu viver com intensidade, para ajudar outras pessoas que vivem as mesmas

dificuldades; doando a essas pessoas, sua experiência, seu saber e sua fraternidade para amenizar dores, tristezas e transformar as lágrimas dos irmãos de infortúnio em bálsamos benfazejos que abrandem e atenuam as agulhadas da dor!

Juntou-se a grupos de pessoas com as mesmas dores de espírito e, praticando um tipo de psicoterapia simples, inventada na hora, foi ensinando - e aprendendo - que o tempo é o melhor corretivo; a ferida não cicatriza sem deixar marcas; de vez em quando, um esbarrãozinho nessas marcas, dói, dói e dói muito! "Cada dia que passa mais vivem em mim os mortos meus..."

A vida é um constante desfazimento de pessoas, coisas, amores, afeições caras, tudo laboriosamente adquiridos. Mas enquanto houver alguém que escreva, promova encontros e palestras confortadoras

nem tudo se olvidará.

E isto Gláucia está fazendo - e fazendo bem, recentemente publicou o livro do Luto à Luta. São páginas muito bem escritas a nos mostrar que não há remendar, ocultar e furta; procura, no entanto, transferir aos leitores sua solidariedade e estar com todos, até o indeclinável caminho da vida!...

O marido de Gláucia, dr. Eduardo Tavares (sobrinho de nosso saudoso dr. Otaviano Rodrigues), que acompanhou sua esposa, discorreu sobre o papel do médico diante da tanatologia (teoria da morte): "Não é possível evitar a morte e o médico não pode aceitar essa luta, achando que a vencerá". Disse mais: "Os médicos não devem criar no paciente a ilusão de que ele, médico, é imbatível diante da morte: o que o médico pode e deve fazer é aliviar dores e sofrimentos, do doente e de seus familiares. Isso é

uma grande contribuição real para que o doente tenha uma morte digna." - concluiu.

Muitas outras coisas boas e úteis foram ditas, mas a memória cansada reluta em relembrar, aqui e agora!

Permito-me encerrar estas palavras simples, com o pensamento de um amigo saudoso - homem do campo, mas com palavras cheias de graças e discreta filosofia campesina -, dizia ele, quando o assunto era sobre morte: "Meu consolo é que no buraquinho que vocês passaram (morrerem), passo eu também!"

Será que podemos, ou devemos aceitar essa brincadeira-séria do compadre Armando e dizermos, como consolo: Por onde passaram e onde estiverem meus entes queridos, passarei também e hei de estar junto deles?!... Tomara!

É o que ditou meu coração!